



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Humor



O Último Boêmio

Histórias de Emílio de Menezes

Organização
Iba Mendes



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Emílio de Menezes
O Último Boêmio

Seleção e organização

Iba Mendes

Livro Digital nº 974 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

Humor - Literatura Brasileira.

Iba Mendes
(1970)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ÍNDICE



Ao nosso "Último Boêmio".....	1
O poliglota.....	3
Não, ainda!... ..	4
Elixir de Nogueira.....	4
Febre.....	5
Botão.....	6
Tratado de Versificação.....	6
Álcool.....	7
Sonetos.....	7
À milanesa.....	7
Teias de aranha.....	8
Cozinheira.....	8
Inimigo.....	9
Finalmente.....	10
Clientela.....	10
Conferência.....	11
Veterinário.....	11
Gêmeos.....	12
Salsicha.....	13
Osso.....	13
Academia.....	14
Feijoada.....	14
Lágrimas.....	15
Abstêmio.....	15
Metrificação.....	16
Indigestão.....	17
Crucifixo.....	17
O título.....	18
Dr. Moitinho.....	18
Oswaldo Cruz.....	19
Monarquia e República.....	20

Ceias do Senhor.....	13
Vermes.....	24
Chico Redondo.....	24
Prédio de Avenida.....	25
Assinante.....	25
Cigana.....	26
Wenceslau Brás.....	26
Fiapo.....	27
De "direitos" e de "fatos".....	28
Viver do "passado".....	28
O guarda-chuva do Padre Severiano.....	29
Anomalia financeira.....	30
O "Cavador".....	30
O terno do historiador.....	31
Pescoço de burro.....	31
Papas na língua.....	32
A cidade devota.....	33
Machado de Assis.....	33
Fraque.....	34
Perna curta.....	34
Epitáfios.....	35
Fita métrica.....	36
Rocha Alazão.....	36
Sinal de fumaça.....	36
Carro de boi.....	37
O epitáfio do Emílio.....	38
Vácuo.....	38
Lado oposto.....	38
Orelhas.....	39
A última pilhéria.....	39
Referências bibliográficas.....	40

AO NOSSO "ÚLTIMO BOÊMIO"

Até o surgimento da rádio e do cinema, eram os poetas aquilo que se denominam hoje de "celebridades". Eram eles que abrilhantavam as páginas das revistas e que "faziam a cabeça" das massas... A poesia, em suas variadas formas, era por assim dizer a principal "matéria" de que compunha a cultura popular.

Um dos nomes que fez história e que — lamentavelmente — caiu na amnésia coletiva atual, é o do maravilhoso poeta Emílio de Menezes que, depois de Gregório de Matos, pode ser considerado, sem margem de erro, como o maior satírico da nossa Literatura. Além de um grande sonetista lírico, foi ele também um originalíssimo criador de peças humorísticas, dentre as quais sobressaem os seus geniais "epitáfios". Embora homem de refinada cultura, o rótulo de intelectual não o tornava arrogante ou vaidoso. Ao contrário, vivia a simplicidade de um "Jeca", sendo por isso admirado e respeitado. Humorista por sua própria natureza, não poupava ninguém de sua lábia corrosiva. Mas recebia o troco com a mesma "moeda". No poema, a seguir, Saturnino Barbosa nos brinda com uma belíssima descrição deste que, sem dúvida, está no rol dos nossos maiores escritores. Os versos, bem como tudo o mais que segue, vão como nossa singela homenagem a este extraordinário homem de letras, o nosso ÚLTIMO BOÊMIO...

EMÍLIO DE MENEZES

(Retrato)

Bojudo latagão de longas guias
No carão rubicundo e petulante,
Quando caminha lembra um elefante
Que prelibasse "whisky" nas orgias.

Gosta das musas; fala todo o instante
Da vida alheia; é um poço de arrelias
De onde pululam finas ironias,

Quando cheio de um líquido espumante...

Eis o grande poeta celebrado,
Que por descuido do mundo foi lançado
Para terror dos homens e dos bichos.

Em guarda, engenhos maus! Alerta, oh gente!
Abram alas à sátira mordente,
Chuços, calinos, rótulas, esguichos...

É isso!

Iba Mendes
São Paulo, 20 de janeiro de 2019.

O ÚLTIMO BOÊMIO

O HUMOR MORDAZ DE EMÍLIO DE MENEZES



O POLIGLOTA

Esta é de Emílio de Menezes. Estava ele numa roda na Paschoal, quando chegou um amigo e lhe apresentou um rapaz que vinha em sua companhia:

— Apresento-te Fulano: é nosso patrício e tem corrido o mundo inteiro. Fala corretamente o inglês, o espanhol, o italiano, o alemão e o francês.

O rapaz sorria modesto ante os elogios, e a palestra prosseguiu.

Ao fim de uma hora, durante a qual apenas proferira alguns monossílabos, o viajante despediu-se e se foi embora.

— Que tal o camarada? — perguntou a Emílio um do grupo.

— Inteligentíssimo e, sobretudo, muito criterioso, opinou o rei dos boêmios.

— Mas ele não disse um níquel.

— Pois é por isso mesmo, — tornou Emílio.

E rindo:

— Você não acha que é ter talento saber ficar calado mais de uma hora em seis línguas?



NÃO, AINDA!...

Um dia Emílio de Menezes, que morava num arrabalde tranquilo, chegou à cidade, por motivo fortuito, ao nascer do sol; e ao passar por um boteco conhecido, encontrou ali Olavo Bilac, triste, ao lado de um amigo sonolento, diante de uma garrafa.

— Bilac, já?!... perguntou o poeta dos "Olhos Funéreos".

E Olavo Bilac, na plena mocidade da sua glória e dos seus vinte e oito anos, respondeu com a mais perfeita dignidade:

— Não, ainda!...



ELIXIR DE NOGUEIRA

Havia no Pará um seringueiro rico que amava o prazer de conviver com escritores e poetas. Era o coronel Avelino Chaves — um homenzinho pequenino e vivaz, que tinha na cara, como estigma da sífilis implacável, a cicatriz de uma goma que quase lhe devorara o nariz.

Tendo ido certa vez ao Rio, o coronel Avelino Chaves quis à força conhecer Emílio de Menezes.

Amigos comuns levaram-no, numa tarde, à Confeitaria Paschoal, à hora do aperitivo, para ver de perto o "grande poeta".

Apresentado a Emílio de Menezes, o coronel Avelino pagou-lhe imediatamente, com grande ostentação de generosidade, copiosos aperitivos.

Depois de ter ingerido vários grogues, o grande epigramatista que desde o começo ruminava a sua perfidiazinha, olhou de frente o seu mecenas, e tomando o ar mais amável deste mundo, exclamou:

— Eu já o conhecia muito, coronel.

— A mim, Dr. Emílio! respondeu, radiante, o seringueiro.

— Sim, senhor. Conhecia-o de fotografia.

— Mas, então?!... interrompeu o coronel Chaves, sentindo calafrios de orgulho ao contato daquela insuspeitada celeridade que Emílio lhe revelava.

— É exato. Vi muitas vezes a sua fotografia, coronel, em todos os jornais do Rio.

E, com gravidade, rematou:

— Nos anúncios do *Elixir de Nogueira*.



FEBRE

Uma tarde, à porta do Café Brito, palestrava Emílio de Menezes com vários amigos, quando apareceu Plácido Júnior, apressado, à procura de um médico que também ali costumava fazer ponto naquela época de boemia dourada. Era o caso que um secretário de redação, sujeito mal afamado e por causa de quem o poeta dos “Olhos Funéreos” saíra do jornal e ficara sem emprego — tinha adoecido de repente, à mesa de trabalho.

— Mas que tem esse pulha? indagou Emílio de Menezes.

— Não sei... respondeu o amigo.— Deu-lhe inexplicavelmente uma febre, uma febre esquisita...

Emílio, então, passando a mão pelo bigode, explicou gravemente:

— Deve ser febre... de mau-caráter!



BOTÃO

Uma tarde, estava Emílio de Menezes à porta da Confeitaria Paschoal, em companhia de um amigo, quando passou pela calçada, arrogante, charuto espetado, um cavalheiro de alta representação, bastante conhecido na cidade pela sua completa aversão ao pagamento de dívidas.

Ferido pela soberba do indivíduo, voltou-se bruscamente Emílio para o companheiro, perguntando-lhe a queima-roupa:

— Em que se parece aquele sujeito com um botão?

O outro não atinou com a chave do enigma, e ele completou, maligno:

— É que ele também não paga a casa em que mora...



TRATADO DE VERSIFICAÇÃO

Olavo Bilac e Guimarães Passos, com o objetivo de preencher uma das grandes lacunas de nossas letras, haviam publicado naqueles dias um “Tratado de versificação”. Guimarães Passos, por essa época já estava atacado da doença que o levaria a morrer, em breve, na mesma cidade solitária e silenciosa onde reside, ainda hoje, o divino Musset... Ao vê-lo passar, pálido, recurvado, tossindo, Emílio de Menezes, à lembrança do livro, comentou ironicamente:

— Eis ali um rapaz que tem tratado de “ver si fica são”.

ÁLCOOL

Depois de ter sido na mocidade um boêmio terrível, Olavo Bilac, na maturidade, era um exemplo de temperança. Em palestra com o poeta, um dia, Emílio de Menezes lhe disse:

— Cada homem tem, no mundo, para ingerir, uma determinada quantidade de álcool. Uns, como eu, bebem-na pouco a pouco, através da vida inteira. Outros, como tu, bebem-na toda de um trago, na mocidade, não deixando nada para a velhice.

SONETOS

Certo poeta desejou a opinião de Emílio de Menezes a respeito de dois sonetos. Lido o primeiro, Emílio declarou que o outro era melhor.

— Como, se você ainda não o leu?

— É que não pode ser pior do que este.

À MILANESA

Em uma cervejaria de São Paulo, cujo soalho, como era de praxe nós estabelecimentos do gênero, achava-se coberto de serragem, bebiam Emílio de Menezes e alguns amigos, quando um conhecido engenheiro, falando de arte, começou a louvar Florença, e a influência dos florentinos na Renascença. No auge, porém, do entusiasmo, pôs-se de pé, afastou a cadeira, e, ao tentar sentar-se de novo, projetou-se de costas no chão. Levantou-se sujo de serragem e quis insistir.

— Sim, é aos florentinos que devemos todo esse patrimônio artístico...

— Homem, — interveio Emílio de Menezes, — deixa os florentinos...

E limpando-lhe a serragem:

— Tu agora estás “à milanesa” ...



TEIAS DE ARANHA

Fiscal de uma casa de penhores, Emílio de Menezes ia uma vez por mês ao Banco receber os magros vencimentos do cargo. E, ao entrar ali, encontrava sempre um indivíduo obsequioso, que chorava as suas misérias, as suas moléstias, a sua fome, até que lhe arrancava uma cédula de cinco mil réis. Certa vez o faquista foi mas longe nas suas lamentações:

— O senhor não imagina — gemia, — o que eu tenho passado. Basta dizer-lhe que há quinze dias não como nada!

— Que, homem? — espantou-se e o poeta.

E para os funcionários:

— Este camarada com certeza já está com teias de aranha na garganta!...



COZINHEIRA

Uma vez foi um amigo à casa do Emílio de Menezes e viu em cima

do aparador um exemplar da revista "Careta", velho de muitos meses e já bastante manuseado.

— Para que guarda você este número velho da "Careta?"

— É o número que eu empresto à cozinheira no domingo, para se divertir.

— Mas ela não se aborrece de ler sempre a mesma coisa?

— Não. O fascículo é o mesmo, mas a cozinheira é que sempre varia.



INIMIGO

Ainda esta do Emílio de Menezes...

O Bastos Tigre encontrou-o no Castelões, diante de um copo de whisky com sifão.

— Que é isto Emílio? Você já não está convencido de que o whisky é o seu inimigo?

— Estou.

— Mas então, como não renuncia isto?

— Porque sou cristão.

— Que tem uma coisa com outra?

— O evangelho manda amar os inimigos.

— Sim, retrucou Bastos Tigre; mas não manda tragá-los.

FINALMENTE

Emílio de Menezes encontrou uma vez na Avenida um amigo que não via desde algum tempo. O homem estava de preto e fumo no chapéu.

— Que é isso? disse o Emílio, compondo o semblante. Luto? por quem?

— Por minha sogra.

— Ah sim.

— Ela adoeceu em São Paulo, e lá estivemos até a semana passada, quando ela faleceu. E foi bom eu tê-lo encontrado. Mande preparar-lhe um mausoléu e preciso de uma inscrição apropriada. Quero que você me arranje. Não quero coisa longa. Bastam poucas palavras mas expressivas.

— Então basta uma palavra — disse o Emílio.

— Qual?

— “Finalmente!”

CLIENTELA

No dia de finados Emílio de Menezes tinha a devoção de visitar os cemitérios, principalmente o de São João Batista.

No último ano, já pressentindo a aproximação da “indesejada das gentes”, ele demorou-se mais na visita, como se estivesse a escolher

lugar para seu jazigo. Nessa excursão encontrou um médico, seu colega de Academia, que também percorria os túmulos.

Emílio aproximou-se e bateu-lhe no ombro:

— Então, está visitando a clientela!...



CONFERÊNCIA

Era na ocasião daquelas conferências literárias na Biblioteca Nacional. No dia seguinte a uma delas o Emílio de Menezes se achava em uma mesa da Confeitaria Colombo. Ele já estava alquebrado. A moléstia que o vitimava já estava muito adiantada. Um dos parentes indagou pelo estado de sua saúde.

— Vou de mal a pior, disse o poeta. Ultimamente me vieram vertigens, inapetência, e ultimamente insônia.

— É na verdade horrível passar a noite na cama contando as horas.

— Isso ainda não é nada. Mas imagina que ontem ouvi aquela conferência de fio a pavio sem dormir...



VETERINÁRIO

Emílio de Menezes achava-se uma vez, à tarde, na Confeitaria Colombo, em companhia de um jovem conterrâneo do sul, recém-formado em medicina.

Nesse momento aproxima-se um conhecido.

Emílio apresenta o esculápio ao adventício:

— O meu amigo e conterrâneo do Dr. Fulano.

— Advogado? pergunta o recém-chegado.

— Não, tornou o Emílio, veterinário.

— É brincadeira, volveu logo o esculápio. Eu sou médico. O Emílio me chama veterinário, porque eu estou tratando dele...

Dessa vez pelo menos o satírico poeta se deu mal.



GÊMEOS

Um sujeito intrometido aproximou-se de uma roda onde se achava o Emílio de Menezes, e começou a tagarelar e a interrogar a torto e a direito.

A certo momento ele perguntou ao Emílio.

— O senhor como se chama?

— Pedro ou Paulo. Não estou bem certo.

— Não está certo? Como assim?

— Eu lhe explico. Nós éramos irmãos gêmeos. Um chamava-se Pedro e o outro Paulo. Éramos perfeitamente iguais um ao outro. Quando estávamos no colégio, um de nós morreu, e nunca se pôde apurar bem qual de nós dois era. De modo que ficou até hoje esta dúvida.



SALSICHA

Um dia o Emílio de Menezes, não tendo que fazer, aceitou o convite de um médico da saúde pública para o acompanhar na fiscalização de uma fábrica de salsicha.

À saída disse o poeta:

- Agora sei porque é que as salsichas são cobertas de uma tripa.
- Por que é? perguntou o médico.
- É para que não se saiba o que está dentro.



OSSO

Certa noite, estando o saudoso Emílio de Menezes assentado pachorrentamente a uma mesa, no Café Jeremias, notou que ao lado dois rapazes discutiam violentamente, quase se atracando.

Apurando o ouvido, descobriu o poeta que o pomo da discórdia era uma jovem de invejável dote, mas extremamente magra, filha única de um velho capitalista, da qual cada um deles se supunha o preferido.

Entrando neste momento um jornalista, perguntou ao Emílio:

- Que discussão é aquela?
- São dois cães que disputam um osso — respondeu o poeta.



ACADEMIA

Em certa ocasião Emílio de Menezes apresentou candidato à Academia de Letras um advogado muito atarefado, que há poucos anos transferiu sua residência para esta cidade. Esse advogado, além das suas incursões naturais na literatura jurídica, tinha feito alguns ataques no terreno da filosofia e do romance e as suas obras eram já numerosas.

Um dos membros mais ilustres da Academia, encontrando-se na ocasião com o Emílio, falou-lhe nessa candidatura, e pediu-lhe para ele um voto.

O Emílio voltou-se para o seu interlocutor e disse-lhe:

— Tenho o maior desejo de o servir e de lhe ser agradável, mas há um impedimento muito sério para que eu dê meu voto ao A...

— Que impedimento é esse?

— As suas obras! É essa a única razão que, a meu ver, o impede de entrar na nossa Academia. Se não houvesse escrito nada, seria mais fácil. Ele é pessoalmente um homem tão amável...



FEIJOADA

Emílio de Menezes, de saudosa memória, era um gastrônomo, embora não fosse um glutão.

Ele gostava de pratos finos e de bons vinhos, mas os guisados nacionais, substanciais, não lhe eram indiferentes, apesar da sua saúde não lhe permitir saboreá-los com frequência.

Um dia um pretensioso e tolo, que frequentava a roda do Emílio, encontrou-o de imprevisto em um restaurante do largo do Rocio, a almoçar uma grossa feijoada, com topadas de presunto e linguiça.

O sujeito parou e disse:

— Emílio, deveras você é um intelectual! um poeta! a comer feijoada!

Emílio voltou-se para ele e disse com naturalidade.

— Então você pensa que Deus fez as coisas boas só para os cretinos?...



LÁGRIMAS

Uma vez Emílio chegou a um restaurante da cidade e pediu um bife.

Serviram-lho.

Daí a pouco volta o garçom, e encontra o poeta com as lágrimas a pingarem-lhe sobre a toalha.

— Que é isso, senhor? perguntou o criado. Tem alguma coisa? Sente-se mal?

— Não, diz Emílio. É porque este bife está tão duro, que quero ver se o amoleço com minhas lágrimas.



ABSTÊMIO

Emílio de Menezes, que aliás nunca se excedeu no uso de bebidas,

apesar do que espalhavam seus inimigos, nos últimos tempos tornara-se abstinente.

Por isso não foi sem alguma surpresa que, entrando uma tarde Bastos Tigre na Confeitaria Colombo, encontrou-o a sorver um whisky com sifão, por um canudo de palha, desses usados para limonadas.

— Que é isso? disse-lhe Bastos Tigre. Você a tomar whisky e por um canudo?

— É verdade, disse Emílio. Eu prometi ao médico nunca mais levar um copo de whisky à boca, e... estou cumprindo minha palavra.



METRIFICAÇÃO

Encontrando Emílio de Menezes em uma recepção oficial, disse-lhe o senador Pinheiro Machado:

— Emílio, preciso que me dê umas lições de metrificacão e de poética.

— Para quê? perguntou o poeta, surpreso.

— Preciso entender um pouco do riscado, para poder julgar os sonetos e poesias que estão sempre a me oferecer — respondeu o senador gaúcho.

— Não é necessário — voltou o poeta. — Quando lhe trouxerem um soneto dedicado, depois de ouvir a leitura, vossa excelência pode dizer que não presta, que não há perigo de errar.



INDIGESTÃO

O Emílio de Menezes jantava num restaurante. Depois de uma peixada com molho de camarão, ostras e vários acompanhamentos gordurosos, o garçom perguntou:

— Que há de vir agora?

— Parece-me que uma indigestão; respondeu o poeta, limpando os bigodes com o guardanapo.



CRUCIFIXO

Tendo de dar um presente de aniversário a uma senhorita, o poeta Emílio de Menezes entrou numa joalheria da Rua do Ouvidor, pertencente a um judeu, para escolher um objeto adequado. O joalheiro lhe apresentou entre outros utensílios, todos de preço exorbitante, um pequeno crucifixo de marfim.

— Quanto custa este Cristo? perguntou Emílio.

— Duzentos mil réis.

— Apesar de ser de marfim, e bem lavrado, pelo tamanho é muito caro.

— Pois não podemos deixar por menos — respondeu o judeu.

— No entanto — retrucou o Emílio, sublinhando as palavras — venderam o original muito mais barato.



O TÍTULO

Nas suas horas vagas o Rocha Alazão deu para recolher-se ao seu quarto e escrever. Comprou alguns cadernos de papel almaço e neles copiou, por ordem alfabética, os nomes por extenso, datas aniversárias e residências de todas as pessoas de suas relações e conhecidos que tinha fortuna ou ganhavam mais de um conto de réis por mês.

Sabendo desse trabalho do Rocha Alazão, o Emílio de Menezes perguntou-lhe qual era o título da obra. O Rocha respondeu que não havia ainda pensado nisso; que se tratava apenas de uma lista alfabética de nomes, para seu uso particular.

Isso não importa. Não há obra sem título. Você precisa pôr-lhe um.

— Mas qual ha de ser?

— É muito simples, disse o Emílio. Ponha o título: “Dicionário de conhecimentos úteis.”



DR. MOITINHO

O Dr. Moitinho era subdiretor da Secretaria do Gabinete do Prefeito, ao tempo que governou a cidade o professor Azevedo Sodré. Sergipano de origem, magro, seco, enfezado, o Dr. Moitinho não se pode dizer que fosse um homem simpático. Ao contrário, era áspero, irritante, não raro intratável. Mas era também um homem de bem, funcionário zeloso e ativo, severo cumpridor dos deveres.

Emílio de Menezes não gostava dele. E não gostava porque, amigo de Sodré, frequentando diariamente o Gabinete, tinha sempre pedidos a fazer-lhe. Na maioria dos casos, coisas absurdas, que o prefeito, para se safar, não querendo recusar logo, empurrava para o Moitinho, de quem solicitava informações. Estas, é claro, eram

geralmente desfavoráveis ao lírico dos “Poemas da Morte”. Entendia-se assim o ódio irresistível que o poeta lhe votava.

Aconteceu que uma vez, procurando Emílio amparar um credor qualquer da Municipalidade, aliás, sem interesse no recebimento da conta, pois tratava-se de um seu amigo íntimo, dono de uma confeitaria, onde ele bebericava, Moitinho repelia a pretensão.... O velho boêmio ficou furioso. Mas, conteve-se, como era de seu costume.

No dia seguinte, voltou à Prefeitura. Percorreu várias diretorias. Falava aos empregados, que o festejavam. E dizia, como se nada houvesse entre ele e o subdiretor do Secretaria:

— O Passos era camarada do Moitinho, que foi seu auxiliar de Gabinete. Foi quem o pôs no cargo onde se achava. Isso às vésperas de deixar a Prefeitura. Passos saiu daqui cheio de aborrecimentos. Queixava-se muito do funcionalismo. A mim, explicou-me ele que nomearia o Moitinho para um lugar vitalício só para castigo da vocês, que o iriam aturar pelo resto da existência...

Sorria gostosamente, afagando os vastos bigodes. E passava adiante, de mesa em mesa, repetindo a mesma história. Toda gente acreditava, embora o Passos nunca houvesse feito semelhante afirmação.



OSWALDO CRUZ

Esta pilhéria de Emílio foi contada por Carlos de Laet a Teles de Menezes.

Emílio concorrera com Oswaldo Cruz, o inolvidável higienista brasileiro, a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e, como se sabe, foi vencido no pleito pelo ilustre filho de São Paulo.

Dias depois da eleição, Carlos de Laet encontrava-se com o vencido, que nem sequer lhe agradeceu o voto, julgando-o naturalíssimo. Emílio pergunta-lhe apenas se se dava bem com o Dr. Osvaldo.

Laet declara-lhe que não, muito embora se considerasse um de seus mais sinceros admiradores.

— Era para um negócio — disse-me o Emílio.

— Negócio?! e qual?

— Sim... Sabe você que a vaga foi de Raimundo Correia. Esperava ser eleito, escrevi o elogio acadêmico do morto, e agora já não me serve para nada. O Osvaldo é homem muito ocupado, menos afeito a estas frioleiras literárias, provavelmente mais lhe vai custar o fabrico da encomenda. Se ele me quisesse ficar com o objeto, ceder-lhe-ia com desconto...

MONARQUIA E REPÚBLICA

Achava-se o poeta numa roda um tanto esquisita na Colombo, quando dele se aproxima o seu íntimo amigo T., homem de letras e engenheiro civil.

— Senta-te — disse ele ao recém-chegado; e fez as apresentações, um tanto cerimoniosas.

A palestra, momentaneamente interrompida, continuou.

Versava sobre sistemas de governo. Emílio achava que, em tese, a República era o governo ideal, mas que, aplicada ao Brasil, dava resultados desastrosos.

Os outros concordavam, citando os erros dos vários governos republicanos e contrapondo-lhes a retidão, a compostura, a honradez dos estadistas do Império.

O recém-vindo entrou na palestra para discordar com o ardor republicano dos seus 30 anos.

A discussão acalorou-se, mantendo-se, entretanto, a linha de boa educação.

Argumento vai, argumento vem, e fala Emílio da instrução pública.

— Era outra coisa; na Monarquia estudavam-se humanidades; não se forjavam bacharéis elétricos como atualmente.

— Ora, fez o T., havia, como hoje há, muito ignorante diplomado. Estudava-se mais latim, é certo...

— Estudava-se tudo muito mais! E não só no curso preparatório; no superior também.

Os dois cavalheiros balançavam a cabeça em ar de assentimento.

— No superior? Não sei por quê. Os cursos atualmente são, ao contrário, muito mais completos, mais práticos...

Emílio deu à voz um tom de mistério e exemplificou, dirigindo-se a T:

— Meu velho, desculpa-me a franqueza, mas no tempo da Monarquia tu não serias engenheiro...

Houve na roda um silêncio constrangido. Os dois cidadãos olharam T. de soslaio, enquanto este, magoado, concordava, com exagerada modéstia:

— Sim, de acordo, não o seria; e, mesmo na República, o sou por pura sorte, mas argumento *ad homine* nada prova...

Mas Emílio insistia, irritante:

— Não te zangues, mas a verdade é que não serias engenheiro.

A situação era deveras desagradável, dada principalmente a cerimônia que havia entre o engenheiro e os dois amigos do poeta.

— Bem, bem, não é a minha pouca ciência que está em motivo para a tua agressão diante destes senhores que mal me conhecem.

— Eu não disse que ele se zangava? É isso! não gosta de ouvir as verdades...

Era demais. T. cerrou o sobrolho, e em tom digno, interpelou Emílio:

— Mas afinal, dize-me tu, por que é que na Monarquia eu não seria engenheiro? Que autoridade tens para julgar dos meus conhecimentos?

Emílio semicerrou os olhos com o ar de quem calcula, reuniu sob os lábios as guias dos bigodes e inquiriu, por sua vez:

— Em que ano nasceste?

— Em 1882.

— E, quando se proclamou a República, que idade tinhas?

Houve um instante de pausa e uma gargalhada de alívio pontuou a pilhéria. E Emílio batendo ao ombro do amigo:

— Então, serias engenheiro na Monarquia?

CEIAS DO SENHOR

Emílio de Menezes fora convidado a visitar, num estúdio de uma valiosa galeria de quadros, uma senhora de rara beleza, a qual tinha orgulho em gastar à larga o dinheiro que lhe dava um velho e rico protetor.

O poeta, amante da arte, não se fez de rogado e apresentou-se em casa da tal dama disposto a apreciar as raridades de coleção tão afamada. A senhora recebeu-o sorrindo, embrulhada num vestido transparente e provocante, que lhe deixava à mostra os belos seios, rígidos e formosos.

Emílio, sagaz e humano, desde a entrada, tinha posto o seu indiscreto olhar no interior daquele paraíso de amores. Embevecido pelas curvas harmoniosas do colo da ilustre dama, ele, enquanto percorria a coleção, nem sequer arriscava um olhar atento sobre as preciosidades pendentes da parede. Ele encantado e ela um tanto encabulada haviam chegado em frente a umas Ceias do Senhor.

— Que me diz dessas Ceias, seu Emílio? Magníficas, não?

O poeta, porém, estarecido ante o maravilhoso espetáculo, manteve-se imprudentemente calado, sem dizer uma só palavra.

E a senhora visivelmente incomodada, ataca:

— O senhor parece um tolo... um idiota... Não diz uma palavra... Por acaso não aprecia, também, essas Ceias do Senhor?!

Emílio, afagando os vastos bigodes, sorriu desdenho para as cópias do quadro de Leonardo e depois de passear, mais uma vez o seu olhar pelas amenas regiões da mulher, respondeu:

— Com franqueza: eu prefiro a essas "Ceias do Senhor" os seios da senhora...

E saiu, aborrecido de alma, mas satisfeito dos olhos, enquanto, a dama incrédula com o que havia escutado, procurava reduziu inutilmente o seu decote extravagante.



VERMES

Uma das últimas pilhérias de Emílio de Menezes, contada pelo coronel Leite Ribeiro, que assistia de perto os seus derradeiros momentos de vida, relata que, sentindo o poeta que havia perdido muito peso, fez a seguinte pilhéria no seu leito de morte:

— Morro satisfeito porque consegui pregar uma peça aos vermes: roubei-lhes dezesseis quilos!



CHICO REDONDO

Estava Emílio de Menezes parado na Rua do Ouvidor — esquerda da Quitanda — assistindo ao formigar da turbamulta, na pompa tumultuosa e variada de sedas e perfumes, quando passaram por ele duas mocinhas elegantes, cheias de mimos e bem curiosas:

— Aquele é que é o Chico Redondo?

O grande poeta ouviu a indiscreta pergunta. Franziu as sobrancelhas numa nítida demonstração de desagrado. Dirigiu-se subitamente e numa atitude como que agressiva para onde se achavam as meninas. Estas arregalaram os olhos alvoroçadas de medo... Então Emílio recompôs a fisionomia transtornada e, numa representação de exímio ator, recitou num magnífico improvisado:

*À pergunta lhes respondo:
E insultá-las não vou!
Talvez que eu seja redondo.
Porém Chico é que no sou!*



PRÉDIO DE AVENIDA

Perto de Emílio de Menezes comentavam-se os artigos de certo jornalista carioca.

Alguém se referia à vasta cultura do jornalista: — escreve sobre todos os assuntos! É admirável! Nunca vi tão larga erudição: política, literatura, arte, quiromancia, religião, comércio, finanças... conhece tudo, escreve sobre tudo... É espantoso, não achas, Emílio?

— Incontestavelmente... tornou o poeta — mas é prédio de Avenida?

— Como assim?

— Muita frente e pouco fundo.



ASSINANTE

Foi nos tempos de miséria de José de Patrocínio e Emílio de Menezes.

Os dois grandes vultos da literatura nacional, tentando a vida como tantos outros, tinham fundado um jornaleco, um jornal de combate, que contava apenas com um assinante e com dois anúncios avulsos e muitos variáveis.

Um dia, da janela do quarto, os dois “jornalistas” estavam a olhar a rua quando, inesperadamente, passou diante deles um carro fúnebre sobre o qual ia um caixão. Patrocínio olhou Emílio bem nos olhos. E depois, como traduzindo o pensamento de ambos, um deles falou:

— Permita Deus que aquele no seja o nosso assinante...



CIGANA

Certa senhora ainda jovem (é assim que se diz das mulheres que já não são moças) dizia um dia a Emílio de Menezes:

— O senhor acredita no que dizem as ciganas?

Emílio, cético e sincero, sacudiu a cabeça:

— Não, senhora...

— Pois eu acredito... Imagine o senhor que uma cigana me disse um dia que eu morreria moça, e desde então nunca mais vivi tranquila...

E Emílio, que nunca deixou de lado a sátira:

— Mas bem vê a senhora que a cigana mentiu!



WENCESLAU BRÁS

O Sr. Wenceslau Brás, eleito vice-presidente da República, veio para o Rio, mas logo fugiu para Itajubá, o seu recanto mineiro, desgostoso com a conduta do presidente, que intervinha nos Estados e atropelava os direitos de todos, sem nenhum critério. Três anos depois surgiu o problema da sucessão. Os elementos políticos se chocaram e os despeitos e cobiças chegaram a tal ponto que a

escolha recaiu no vice-presidente, afastado e quieto no seu retiro. Encontrando-se com um amigo, Emílio comentou:

— Homem de sorte o Wenceslau!

— De fato. Relativamente moço, sobe assim à presidência da República!...

— Não é por isso.

— Por que, então?

E o Emílio risonho:

— É o primeiro caso, que conheço, de promoção por abandono de emprego...



FIAPO

A passo lento, seguia Emílio de Menezes pela Avenida Rio Branco, quando dele se acercou um dos mordedores que por ali passava.

— Boas tardes, Emílio amigo, como vai a saúde?

— Muito bem. Que me queres? Não te demores em dizê-lo, porque tenho necessidade de chegar cedo à casa.

E o mordedor gentil, fazendo jus à espécie, entrou a "dedilhar" o fraque negro do poeta e com arte sacudia as partículas de poeira que lhe descobrira no vestuário.

Avistando um fiapo, com os dedos em tenaz, lançou-o ao solo enquanto dava o bote:

— Estou, meu caro Emílio, em um dos meus piores dias; arranja-me uns dez réis...

O poeta, após o natural sobressalto, protestou:

— Dez mil réis!...

E apontando a gola do casaco, exclamou:

— Põe já o fiapo outra vez aqui!

DE "DIREITOS" E DE "FATOS"

Versão corrente no Rio de Janeiro.

Um conhecido alfaiate da Rua do Ouvidor havia tido uma questão com o fisco por causa de um contrabando de casimiras, após o qual começou a reconstruir o prédio em que se achava estabelecido. Em meio às obras, com a rua atulhada de materiais, um clube carnavalesco resolve protestar contra o entulho perante a Prefeitura.

— Mas a Prefeitura não tem nada com isso, — opina Emílio de Menezes. O caso deve ser tratado com o ministro da Fazenda.

E justificando a opinião:

— Aquela casa "de fatos", é do alfaiate, mas, de "direitos", é da Alfândega!

VIVER DO "PASSADO"

Nos últimos dias do século passado era famoso no Rio, pelos seus modos de adquirir dinheiro, um boêmio cuja habilidade se tornou

proverbial. A sua fórmula para promover a elasticidade das bolsas era cômoda e comovente. Chegava-se a um amigo e lastimava-se:

— Veja só! Eu já tive uma fortuna regular, com os meus prédios, as minhas apólices, a minha caderneta de Banco... E hoje sou isto!...

E após uma pausa:

— Você, que me viu tão feliz, não poderá me "passar" uma de cinco mil réis?

Comentando esse modo de vida, Emílio de Menezes explicava:

— Coitado do Rocha! O que ele diz é verdade. Ele teve posição, casa, fortuna. Hoje, vive do "passado"!...



O GUARDA-CHUVA DO PADRE SEVERIANO

De regresso de Paris, onde deixara a batina, o padre Severiano de Rezende surgia, uma tarde, à rua Gonçalves Dias, trajando jaquetão claro, chapéu de palha, flor à lapela, mas tendo à mão, em conflito com aquela meia elegância, um guarda-chuva de cabo torcido. Ao encontrá-lo à porta da Confeitaria Colombo, Emílio de Menezes abriu os braços para estreitá-lo:

— Estás belo, padre, assim à paisana!

— Achas?

— Decerto.

E olhando melhor:

— Agora, é só a bengala que traja à clerical.

— Que bengala? - estranhou o ex-sacerdote. - Isto é um guarda-chuva...

E Emílio:

— Pois é isso mesmo: que é um guarda-chuva senão uma bengala de batina?



ANOMALIA FINANCEIRA

Certas vez, ia Emílio de Menezes em um bonde, quando se sentaram no banco imediato, em frente, duas senhoras de grandes banhas, que dificilmente puderam entrar no veículo. Com o peso das duas matronas, o banco, que era frágil, range, estala, geme, estranhando a carga. O poeta, que observa o caso, leva a mão à boca, no seu gesto característico, e põe-se a rir em silêncio, no seu riso sacudido e interior, E como se o companheiro o olhasse, explicou:

— Sim, senhor! É a primeira vez que vejo um banco quebrar por excesso de fundos!...



O "CAVADOR"

Havia no Rio, anos atrás, um jornalista de má fortuna, diretor de um periódico oportunista, que claudicava de uma perna, aleijada por uma inchação crônica, e que vivia, então, da exploração, mais ou menos inteligente, da vaidade alheia. Uma tarde, passava este homem de imprensa ou de negócios pela rua do Ouvidor, arrastando, tardo, a sua perna enferma, quando um íntimo de Emílio de Menezes lhe chamou a atenção.

— Admira - diz - como aquele homem, com tamanho defeito, seja tão "cavador"...

— Pois, a mim, não admira, - contrapôs o poeta.

E voltando-se para o companheiro:

— Ele não tem uma perna "inchada"?

O TERNO DO HISTORIADOR

Entre as figuras de relevo que serviam de alvo habitual à sátira impiedosa de Emílio de Menezes, estava Capistrano de Abreu, historiador ilustre, sábio respeitadíssimo, em torno do qual se criara uma glosadíssima lenda de desleixo, de abandono próprio, e, mesmo, de falta de higiene. Utilizando esta versão popular, contava o poeta:

— Uma vez o Capistrano mandou à tinturaria, para ser lavado, um terno com que andava há doze anos. Uma semana depois, apareceu-lhe à porta um empregado da tinturaria, e entrega-lhe um embrulho pequenino, que lhe cabia na mão.

E como lhe perguntavam o que seria, Emílio concluía, invariável:

— Eram os botões, menino!

PESCOÇO DE BURRO

Conta-se que Emílio de Menezes, achando-se um dia entediado com a vida da capital do Rio de Janeiro, abalou-se para um arraial do interior.

No Carmo alugou uma besta de passeio, a qual tinha um pescoço de agigantadas dimensões. Quando ia passando montado no seu

animal em frente da farmácia do local, ouviu o farmacêutico dizer aos amigos.

— Que espécie de animal será aquele?

Um dos circunstantes, que não conhecia o Emílio, querendo divertir-se-á sua custa, dirigiu-se a ele e perguntou:

— Ó moço, você vende meio metro de pescoço de burro?

O Emílio parou, olhou, desceu vagarosamente do animal e, erguendo-lhe a cauda, respondeu:

— Tenha a bondade de entrar para o estabelecimento. Não tenho por costume vender a fazenda na rua.



PAPAS NA LÍNGUA

Em um grupo de papudos de que faziam parte o Emílio de Menezes e o senador Lopes Gonçalves, falava-se das propostas de paz feitas pelo Papa.

— Em que língua o Papa fez essas propostas? — perguntaram.

— Em italiano, está claro.

— E por que não em francês? O francês é universal...

E o Emílio:

— É, mas os franceses não têm Papas na língua...



A CIDADE DEVOTA

A situação nacional, após a tentativa de um movimento militar, fez lembrar durante 24 horas os tempos de alerta, em novembro de 1904. Por essa época, foi a população precavida de que se devia recolher à casa após o tiro de canhão, dado a certa hora pela fortaleza de Santa Cruz. Comentando essa disposição do governo, pilheriava Emílio de Menezes:

— Este Rio mesmo não evolui. Há um século a população se recolhia pelo Sinal do Aragão.

E concluía, rindo:

— Agora, pelo Sinal da Santa Cruz!



MACHADO DE ASSIS

Em uma roda de literatos, discutia-se certa vez a metrificação; quando um deles procurou apequenar Machado de Assis, observando com leviandade:

— Era péssimo poeta. O último verso dos alexandrinos "A uma criatura" só tem onze sílabas: é um verso de pé quebrado.

Emílio de Menezes, que se achava no grupo, e sentia uma religiosa admiração pelo Mestre, franziu a testa profética, e protestou, soturno:

— Não pode ser.

E sentencioso:

— Os bons versos não têm pés; tem asas!

FRAQUE

Queixava-se Emílio de Menezes, certa vez, ao alfaiate Almeida Rabelo, de não poder comparecer a certos lugares por falta de um fraque.

— E aquele com que você andava há tempos? — indagou o costureiro.

— Esse não presta mais, não tem botões.

— Pois traga o fraque que eu lhe prego os botões — propôs o Almeida.

Dias depois, aparecia Emílio na alfaiataria com um embrulho pequenino, que tirou da algibeira.

— Ó Rabelo! — chamou.

E dando-lhe o embrulhinho:

— Prega-me um fraque nesses botões... Sim?

PERNA CURTA

Por ocasião do ataque do *Correio da Manhã* à empresa de carnes verdes da capital federal, esta instituiu seus advogados para responsabilizar o jornal, os senhores Ulisses Viana e Asclepiades Jambeiro. Este último, que foi o que mais se empenhou na defesa, tinha por obra da natureza, uma das pernas mais curta que a outra e por isso mancava ao andar.

Eis sátira do Emílio contra ele:

*Para o teu nome a fórmula sintética
Vou fazer, ó de Ulisses companheiro,
Sem fugir às leis clássicas da estética
E partindo da análise primeiro.*

*Tiraste os quatro pés (isto é dialética)
Do verso asclepiadeu e, prazenteiro,
Ao jâmbico emprestando rima poética,
Eis-te agora Asclepiades Jambeiro.*

*Dos quatro pés ficou-te a inteligência
Pois é nela que mora o asclepiadeu,
Diverso apenas pela desinência.*

*Da alma ao corpo a tua métrica desceu
E, conforme as leis da arte e as leis da ciência,
Dáctilo tens um pé e outro espondeu.*

EPITÁFIOS

Os epitáfios humorísticos já foram moda no Rio de Janeiro. Figuras destacadas das letras, artes, da política, eram ridicularizadas em versos. O suposto defunto recebia o “elogio fúnebre” de suas vaidades, ambições, avareza e outros vícios. Os defeitos físicos também não eram poupados: nem a cor de mestre Hemetério nem a gordura de Oliveira Lima.

Emílio de Menezes chegou a compor para si próprio o seguinte epitáfio:

*Morreu em tal quebradeira
Que nem pôde entrar no céu,
Pois só levou cabeleira,
Bigode, banha e chapéu.*

FITA MÉTRICA

O Emílio de Menezes havia entrado em casa de um alfaiate para mandar fazer um terno de casimira. O artista da tesoura, vendo a corpulência do afamado poeta, pega na fita métrica e coloca-a sobre a barriga dele, e diz-lhe:

— Queira ter a bondade de segurar esta ponta enquanto dou a volta. Não se impaciente, daqui a cinco minutos estarei de novo aqui!

ROCHA ALAZÃO

À saída de um espetáculo Henrique Rocha, o “Rocha Alazão”, como era vulgarmente conhecido, por causa de umas manchas que tinha no rosto, aproximou-se de Emílio de Menezes e pediu-lhe 400 réis para a passagem do bonde.

— Que é isto, Rocha, que é isto? — estranhou o poeta.

E logo, batendo no ombro do amigo:

— Então tu lates lá dentro e vens morder cá fora?

SINAL DE FUMAÇA

A ironia de Emílio de Menezes não poupava a ninguém. Homens e instituições caíam sob os golpes de sua crítica demolidora.

Dele se conta que, certa vez, fazia parte de um grupo de amigos que, na *Brahma*, esperava o resultado de uma eleição na Academia Brasileira de Letras.

Emílio dava sinais de impaciência. Levantava-se a todo instante e ficava olhando para os lados do Silogeu, onde tinha sua sede a fundação Machado de Assis.

— Mas para que diabo olha você? — indagou, curioso, um dos companheiros.

— A fumaça — respondeu Emílio. — Estou esperando a fumaça. Pois não sabem que eles adotaram agora o sistema das eleições do Vaticano. No Vaticano é assim quando é eleito o Papa, sai uma fumaça anunciadora.

Os rapazes estavam todos intrigados com o que ouviam, percebendo a malícia do narrador. Um deles, mais ingênuo, chegou a perguntar:

— Mas é certo que a Academia está fazendo isso mesmo?

— Certíssimo! — confirmou Emílio, torcendo os bigodes. E, depois de uma sonora gargalhada, explicou aos ouvintes:

— É para dar destino às obras dos candidatos...



CARRO DE BOI

Emílio de Menezes, ao ver um carro que transportava um certo indivíduo muito conhecido pela má fama de marido traído, perguntou à roda em que se achava:

— Onde vai aquele carro de boi?!



O EPITÁFIO DO EMÍLIO

O jornal "Rio Nu", fazendo uma pilhéria com a peçonha verbal do grande Emílio de Menezes, sugeriu a seguinte quadrinha como epitáfio do poeta:

*Este viveu dando sova
Sem tocar nas epidermes,
E ainda dentro da cova
Fará perfídias aos vermes.*

VÁCUO

Ninguém ignora a ironia de Emílio de Menezes, ironia muita vez mais que cruel. O poeta do "Gólgota" tem uma face poética terrível. Não há quem se lhe iguale na sátira. Mas há na obra de Menezes uma série de frases que se perdem em conversas. Num determinado dia em passava certo jovem escritor, um amigo disse:

— Não sei por que Fulano, que não tem o que fazer, anda sempre a correr.

— E que ele tem horror ao vácuo, retorquiou Emílio. — Não faz outra coisa senão correr de si mesmo...

LADO OPOSTO

Encontram-se o Dr. Teixeira Mendes e Emílio de Menezes.

— Ó mestre, onde vai? — pergunta o poeta.

— Ao apostolado... E tu?

— Eu vou ao lado oposto...

ORELHAS

Emílio de Menezes, embora conhecido por seus sonetos perfeitos, tornou-se ainda mais famoso por seus versos humorísticos, os quais eram sabidos de cor por toda a Rua do Ouvidor. Os famigerados "epitáfios" são pequeninas obras-primas de concisão, de graça e de originalidade. O exemplo que segue foi escrito especialmente para um cavalheiro carioca dotado de uns enormes apêndices auriculares e de uma língua afiadíssima:

*Morreu depois de uma sova;
e como não tinha campa,
de uma orelha fez a cova
e da a outra fez a tampa.*

A ÚLTIMA PILHÉRIA

Doente do "wiskite" aguda, como ele mesmo denominava sua enfermidade, Emílio jamais deixou de ter nos lábios um sorriso, embora por vezes laivado de amarguras. Os médicos que o assistiam, resolveram fazer-lhe uma punção para aliviá-lo dos atrozes padecimentos. Entre os poucos amigos, presentes à cirurgia, encontrava-se um que nunca o abandonou: José Pires Brandão, o generoso. E o enfermo vendo que lhe escorria pelo ventre um líquido claro, chamou a atenção dos amigos:

— Vejam vocês a ironia das coisas; sai-me da barriga um líquido que nunca bebi: água!

Foi esta a última e acerba pilhéria de Emílio de Menezes...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Cruz: nº 1870, ano XXXV, 11 de janeiro de 1953; nº 1903, ano XXXV, 30 de agosto de 1953; nº 1903, ano XXXVI, 25 de abril de 1954.

A Gazeta: nº 272, ano V, 2 de novembro de 1937.

A Maçã: nº 23, ano I, 15 de julho de 1922.

A Reforma: nº 17, ano I, 1 de setembro de 1918.

Careta: nº 200, ano V, 30 de março de 1912; nº 258, ano VI, 10 de maio de 1913; nº 336, ano VII, 28 de novembro de 1914; nº 531, ano XI, 24 de agosto de 1918; nº 546, ano XI, 7 de dezembro de 1918; nº 549, ano XI, 28 de dezembro de 1918; nº 555, ano XII, 8 de fevereiro de 1919; nº 580, ano XII, 2 de agosto de 1919; nº 583, ano XII, 23 de agosto de 1919; nº 596, ano XII, 22 de novembro de 1919; nº 618, ano XIII, 26 de abril de 1920; nº 627, ano XIII, 26 de junho de 1920; nº 660, ano XIV, 12 de fevereiro de 1921; nº 1247, ano XXV, 14 de maio de 1932; nº 1423, ano XXVIII, 28 de setembro de 1935; nº 1441, ano XXIX, 1 de fevereiro de 1936; nº 1444, ano XXIX, 22 de fevereiro de 1936; nº 1482, ano XXIX, 14 de novembro de 1936; nº 1611, ano XXXI, 6 de maio de 1939; nº 1732, ano XXXIV, 6 de setembro de 1941; nº 1822, ano XXXV, 29 de maio de 1943; nº 1832, ano XXXVI, 7 de agosto de 1943.

Cigarra: nº 302, ano XV, junho de 1927.

Correio da manhã: 14 de outubro de 1934; 3 de julho de 1937, por: João Paraguaçu.

Diário da Manhã: nº 2690, ano XXV, 20 de agosto de 1931, por José Paulino.

D. Quixote: nº 416, ano IX, 29 de abril de 1925; nº 16, ano I, 29 de agosto de 1917.

Fon-Fon: nº 16, ano XII, 20 de abril de 1918.

Humberto de Campos: *O Brasil anedótico*, ano 1927.

Máscara: nº 45, ano I, 1919.

O Comércio de São Paulo: nº 650, ano XV, 24 de outubro de 1908.

O Imparcial: nº 3852, ano XI, 5 de junho de 1923; nº 3920, ano XII, 11 de setembro de 1923.

O Malho: nº 328, ano XXXVIII, 14 de setembro de 1939, por: Leôncio Correa.

O Olho da Rua: nº 38, ano II, 3 de outubro de 1908.

O Paraná: nº 51, ano VI, 12 de agosto de 1911.

O Rio Nu: nº 538, ano VI, 2 de setembro de 1903 ; nº 557, ano VI, 7 de novembro de 1903.

Revista da Semana: nº 3, ano XVII, 23 de fevereiro de 1916.

Shimmy: nº 80, ano II, 3 fevereiro de 1927 ; nº 161, ano IV, 23 agosto de 1928; nº 212, ano V, 15 agosto de 1929.

Souza Cruz: nº 107, ano IX, novembro de 1925.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com